

I

Estou no quarto da minha mãe. Sou eu quem aqui vive agora. Não sei como cá cheguei. Porventura, numa ambulância, num qualquer veículo, certamente. Ajudaram-me. Sozinho nunca teria conseguido chegar. Este homem que vem cá todas as semanas, talvez seja graças a ele que aqui estou. Ele diz que não. Dá-me algum dinheiro e leva páginas. Tantas páginas, um tanto. Sim, agora trabalho, um pouco como antes, com a diferença de que já não sei trabalhar. Isso não tem importância, parece. A mim, agora, interessa-me falar das coisas que me ficaram, fazer as minhas despedidas, acabar de morrer. Eles não querem. Sim, eles são vários, parece. Mas é sempre o mesmo que cá vem. Poderá fazer isso mais tarde, diz. Bem. Já não tenho muita vontade, como podem imaginar. Quando vem buscar novas páginas, traz consigo as da semana anterior. Estão cheias de sinais que não compreendo. Aliás, não as releio. Quando não tenho nada feito não me dá nada, repreende-me. Porém, não trabalho pelo dinheiro. Pelo quê, então? Não sei. Não sei grande coisa, muito francamente. A morte da minha mãe, por exemplo. Estaria ela já morta quando cheguei? Ou terá morrido mais tarde? Quero eu dizer, morta, pronta a enterrar. Não sei. Talvez ainda não a tenham enterrado. Seja como for, sou eu quem utiliza o seu quarto. Durmo na sua cama. Sirvo-me do seu bacio. Ocupo o seu lu-

gar. Devo parecer-me com ela cada vez mais. Falta-me apenas um filho. Talvez o tenha num sítio qualquer. Mas não creio. Seria velho, agora, quase tão velho quanto eu. Era uma pequena criadita. Não era o verdadeiro amor. O verdadeiro amor estava numa outra. Vocês hão-de ver. Eis que voltei a esquecer o seu nome. Por vezes, parece-me que cheguei a conhecer o meu filho, que me ocupei dele. Depois, digo a mim mesmo que é impossível. É impossível que tenha podido ocupar-me de alguém. Esqueci a ortografia, também, e metade das palavras. Isso não tem importância, parece. Quem dera. É um indivíduo engraçado, este que me vem visitar. Vem cá todos os domingos, parece. Não está disponível nos outros dias. Tem sempre sede. Foi ele quem me disse que eu tinha começado mal, que era preciso começar de outra maneira. Quem me dera. Comecei pelo começo, imagine, como um velho estúpido. Este é o meu próprio começo. Mesmo assim vão mantê-lo, se bem percebi. Deu-me que fazer. Ei-lo. Deu-me muito que fazer. Era o começo, percebem. Enquanto que é quase o fim, agora. É melhor o que faço agora? Não sei. A questão não é essa. Este é o meu começo, segundo eu mesmo. Deve expressar qualquer coisa, já que eles o mantêm. Ei-lo.

Desta vez, depois mais uma, acho eu, depois dessa acabará, acho eu, como também este mundo. É a sensação do penúltimo momento. Tudo se esbate. Um pouco mais e ficaremos cegos. É dentro da cabeça. Já não funciona, ela diz, Não funciono. Temos de nos tornar surdos também e os sons hão-de enfraquecer. Após franqueado o limiar, é assim. É a cabeça que deve estar cansada. De tal modo que pensamos, Acabarei bem desta vez, depois ainda outra, porventura, depois será tudo. É com pena que formulamos este pensamento, porque o é, num certo sentido. Então, vamos estar atentos, considerar com atenção todas as coisas obscuras, dizendo-nos, penosamente, que o erro está nele. O erro? Foi a palavra que usámos. Mas que erro? Não é um adeus, e que magia nessas coisas obscuras às quais chegará o momento de, na sua próxima passagem, renunciar. Porque é preciso dizer

adeus, seria estúpido não dizer adeus, no momento desejado. Se pensamos nos perfis à luz de outros tempos é sem mágoa. Mas já não pensamos mais neles, com que pensaríamos neles? Não sei. Passa gente, também, a qual é difícil distinguir com clareza. Vejamos quem é desanimador. Foi assim que vi A e B dirigirem-se lentamente um para o outro, sem se darem conta de que o faziam. Foi numa estrada de uma aridez impressionante, quer dizer, sem sebes nem muros, nem nenhum género de cercadura, no campo, pois em terrenos imensos vacas ruminavam, deitadas e de pé, no silêncio da tarde. Talvez esteja a inventar um pouco, talvez embeleze, mas no conjunto era assim. Elas ruminam, a seguir engolem, depois, após uma curta pausa, convocam sem esforço outra pequena porção. Um tendão do pescoço move-se e as maxilas recomeçam a triturar. Pode ser que estejam aí as recordações. A estrada, sinuosa e branca, rasgava as ternas pastagens, subia e descia ao sabor da ondulação dos vales. A cidade não ficava longe. Eram dois homens, impossível enganarmo-nos, um pequeno e um grande. Tinham saído da cidade, antes um, depois o outro, e o primeiro, cansado ou lembrando-se de um compromisso, tinha voltado atrás. O ar estava fresco, pois tinham os casacos vestidos. Assemelhavam-se, mas não mais do que outros quaisquer. Essencialmente, uma grande distância separava-os. Não teriam podido ver-se, mesmo que tivessem esticado o pescoço e procurado os olhos um do outro, por causa deste espaço imenso, e também por causa da irregularidade do terreno, que fazia com que a estrada fosse às ondas, pouco profundas mas bastante, bastante. Chegou o momento em que, simultaneamente, desceram em direção ao mesmo recôncavo e foi nesse recôncavo que eles, por fim, se encontraram. Dizer que eles se conheciam, não, nada permite afirmá-lo. Mas, talvez, ao som dos seus passos, ou advertidos por um qualquer instinto obscuro, ergueram a cabeça e olharam-se, durante uma boa quinzena de passos, antes de pararem, um diante do outro. Sim, eles não se chegaram a cruzar, mas imobilizaram-se, muito perto um do outro, como

muitas vezes o fazem, no campo, à tarde, numa estrada deserta, dois caminhantes que se desconhecem, sem que isso constitua algo de extraordinário. Mas eles conheciam-se, talvez. Seja como for, agora conhecem-se e hão-de reconhecer-se, acho eu, e hão-de cumprimentar-se, mesmo no local mais impenetrável da cidade. Voltaram-se em direcção ao mar que, longe, a leste, para lá dos campos, se confunde altivo com o céu que empalidece, e trocaram algumas palavras. A seguir, cada um retomou o seu caminho; A em direcção à cidade, B atravessando as regiões que parecia conhecer mal, ou nem isso, pois ele avançava num passo inseguro e parava muitas vezes para olhar em volta, como alguém que procura fixar no seu espírito pontos de referência, pois, um dia, porventura, lhe será necessário voltar atrás. Nunca se sabe. As colinas traiçoeiras por onde, com assombro, se embrenhava, certamente só as conhecia por as ter avistado de longe, da janela do seu quarto talvez, ou do cimo de um monumento num dia de aflição em que, não tendo nada de especial para fazer e buscando na altitude um conforto, tinha pago os seus três ou seis pence e subido até ao terraço a escada em caracol. Dali devia ver tudo, a planície, o mar e até estas mesmas colinas, a que algumas pessoas chamam montanhas, anil em alguns sítios, na luz da tarde, perseguindo-se mutuamente umas atrás das outras a perder de vista, atravessadas por vales que não se vêem mas que se adivinham, em resultado do adoçamento dos tons e também por causa de outros indícios intraduzíveis em palavras e até impensáveis. Mas não se adivinham todas, mesmo desta altura, e muitas vezes, além, onde se vê apenas um lado, apenas um cume, na realidade existem dois, dois lados, dois cumes, separados por um vale. Mas estas colinas, agora ele conhece-as, quer dizer que as conhece melhor. Se alguma vez voltar a contemplá-las de longe fá-lo-á, penso eu, com outros olhos, e não apenas isso mas com o interior, todo esse espaço interior que nunca vemos, o cérebro e o coração e as outras cavidades onde sentimento e pensamento celebram o seu sabat, tudo isto muito

melhor organizado. Parece velho e isso desperta piedade por vê-lo caminhar sozinho depois de tantos anos, tantos dias e noites oferecidos, sem contar com este rumor que se ergue à nascença e mesmo antes, este insaciável *Como fazer? Como fazer?*, ora baixo, como um murmúrio, ora límpido, como o *E para beber?* do chefe de mesa, e muitas vezes inchando até ao rugido. Para se ir embora sozinho, no fim de contas, ou quase, por caminhos desconhecidos, ao anoitecer, com um cajado. Era um grande cajado. Servia-se dele para lançar o corpo para a frente, e também para se defender, caso fosse preciso, dos cães e dos larápios. Sim, a noite caía, mas o homem era inocente, de uma enorme inocência, não tinha receio de nada, sim, receava, mas não havia necessidade de ter receio, não podemos nada contra ele, ou muito pouco. Mas isto, ele ignorava, sem dúvida. Até eu, com o encargo de reflectir sobre isto, ignorava-o também. Sentia-se, todavia, ameaçado apesar da sua inocência. O que é que a inocência tem a ver com isto? Qual a relação com os inúmeros agentes do maligno? Não é clara? Trazia um chapéu pontiagudo, segundo me pareceu. Fiquei espantado, recordo-me, como nunca ficara com nenhum boné, por exemplo, ou com nenhum chapéu de coco. Vi-o afastar-se, vencido pela sua inquietude, enfim, por uma inquietude que não seria necessariamente a sua, mas de que fazia, por assim dizer, parte. Era, quem sabe, a minha própria inquietação que o vencia a ele. Não me viu. Eu estava empoleirado acima do nível mais elevado da estrada e encostado, ainda por cima, a uma rocha da mesma cor que eu, quero dizer, escura. Que ele tenha reparado na rocha, é possível. Olhava à sua volta, já o referi, como que para gravar na sua memória as características do caminho, e deve ter visto a rocha, na sombra da qual me escondia, à maneira de Belacqua, ou de Sordello, já não me recordo. Mas um homem, por maioria de razão eu, não faz exactamente parte das características de um caminho, pois. Quero eu dizer que, se por um imenso acaso, ele tiver, um dia, que passar por ali, após um longo lapso de tempo, vencido, ou para pro-